

Introdução

Antes de entrar propriamente na discussão sobre o filme escolhido, é interessante abordar a questão do conceito de “pessoa humana”, uma vez que é um assunto particularmente ético, concernente às discussões do filme e atuais. A ética existe, à grosso modo, para a harmonia entre as pessoas e a sociedade, para que ela não entre em colapso e corrupção, levando-a à destruição e a uma “guerra de todos contra todos”. Entretanto, é necessário esclarecer quem está sujeito a participar desse “jogo” (termo emprestado de Wittgenstein): quem é digno a participar e poder se ajustar às “regras do jogo”? Quem está excluído? É nesse contexto que entra o conceito de “pessoa” e “dignidade”. Desse modo, é importante avaliar “o que é o humano/pessoa” – muito embora, hodiernamente, há discussões em agregar até os animais e o meio ambiente em geral nas discussões éticas.

Segundo a profa. Gisele Leite², ao analisar o conceito de pessoa pelo viés jurídico e filosófico desde a Grécia, esse não é um conceito tão antigo como comumente se pensa. O filósofo contemporâneo Michel Foucault³ também endossa a visão de que o sujeito só foi inventado a partir da modernidade (que ele restringe ao século XIX), entretanto iniciado com o Kant no século posterior, uma vez que o filósofo alemão, a partir de sua “inversão copernicana”⁴, colocou o homem como, ele mesmo, sujeito e objeto do conhecimento – aquele que conhece e que pode ser conhecido. Foucault afirma, ao dizer com todas as letras que o sujeito fora inventado na modernidade, que a época moderna do século XIX priorizou o homem como objeto de estudo – podemos ver que é basicamente neste século que foi criada a psicanálise, a psiquiatria, a sociologia, a antropologia, o humanismo em geral, ou seja, os estudos do humano ou, como chamamos: as Ciências Humanas. Posteriormente, é anacrônico dizer que os pensadores já tinham uma visão clara e distinta de sujeito: que desde Sócrates (ou até mesmo antes) já se poderia dizer que “pessoa” (ou “sujeito”) era objeto de estudo e foco das reflexões e pesquisas filosóficas – o sujeito era sempre subjugado a uma noção de ser, de ideia, de cosmos, de Deus, etc. A individualidade é uma invenção burguesa do final do século XVIII, desse modo, a perspectiva de pessoa

¹ Artigo produzido a partir das aulas de Ética Cristã da Prof. Monica Campos, aluna de Filosofia da PUC-Rio.

² LEITE, Gisele. **Conceito de pessoa: na trajetória filosófica e jurídica**. Disponível em: <<http://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/conceito-de-pessoa-na-trajetoria-filosofia-e-juridica>>

³ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Martins Fontes, 1990.

⁴ Cf. Kant. *Crítica da Razão Pura*

anteriormente era ainda muito superficial sem grande importância e, muitas vezes, rejeitada para dar o protagonismo, majoritariamente, a uma ideia de Deus.

Para elucidar mais essa discussão, basta perceber que a noção de “pessoa” começou a ser discutida no coração da revolução burguesa – a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”. E teve seu auge no pós-guerra com a divulgação dos Direitos Humanos pela ONU. Além disso, entre ambas, um médico alemão chamado Sigmund Freud torna o homem – e somente o homem, desligado de noções divinas – centro de estudo e pesquisa, ao criar a psicanálise.

Portanto, segundo o artigo de Gisele Leite sobre o conceito de pessoa e segundo Foucault, esse conceito é elástico - ao longo do tempo ele foi se constituindo e ganhando forma, seguindo as necessidades de cada tempo, isto é, em cada época o humano foi abordado de maneira diferente, no entanto o conceito de homem é historicamente localizado – foi criado no momento em que o próprio sujeito se colocou nas lentes da ciência. E mesmo hoje com a famigerada “defesa da dignidade humana” ainda há certos anseios de aceitar que, por exemplo, um homossexual, uma pessoa com deficiência mental (ou física), uma pessoa de nacionalidade x, y, z e até mesmo uma pessoa negra advinda de uma condição social inferior – como é o caso do filme “Um Sonho Possível” – seja encarada socialmente como uma pessoa com seus direitos e deveres e com sua dignidade. De acordo com Giorgio Agamben⁵, o “homo sacer” é aquela pessoa (ou grupo) que não é visto como ser social (nem econômico e político), ou seja, como humano e nem como objeto de sacrifício e, assim, pode ser “usado” e até mesmo morto, sem que aquele que o usou ou prejudicou ou matou receba punições ou sanções, pois, afinal, a sociedade não a enxerga como uma pessoa plena.

“Um Sonho Possível” e sua mensagem humanista

No filme biográfico estrelado por Sandra Bullock, o menino Michael ou “Big Mike” vive constantemente nessa nuance entre “vida qualificada” – vida política, humana - e “vida nua” – vida meramente biológica, animal⁶ -, isto é, por ser negro, de classe social baixa e sem uma família propriamente dita, Michael Oher nunca é encarado como, de fato, um ser humano. No começo da história, Big Mike é aceito em uma escola religiosa sulista americana mais pelo fato de ele ter um bom físico para esportes do que pelo valor cristão de “dar ajuda aos necessitados”, ou seja, o menino poderia ser útil para aquela escola, por isso ele foi chamado para estudar ali e não porque a escola seria útil para ele. Michael Oher passa seus primeiros dias no colégio

⁵ AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2002.

⁶ Idem.

sendo visto como “burro” e “problemático” pelos professores, pois não conseguia acompanhar as aulas, uma vez que era carente de família, de recursos e de até mesmo uma casa. Durante toda a sua vida, Michael fora tratado como “coisa” e não como ser humano; isso fica claro quando mostram a infância de Mike sendo levado à força de sua mãe e irmãos, pois sua mãe era dependente química e, de acordo com o governo, não tinha condições de criar seus filhos. Assim, o governo tem a legitimidade de invadir a casa de uma senhora negra, pobre e dependente de drogas e arrastar seus filhos, separando-os para adoção – e mesmo assim, até os 17 anos, Big Mike nunca conseguiu ser adotado, por seu apego à mãe.

Michael Oher só começa a ter uma “vida qualificada” quando a mãe de família Liegh Anne Tuohy convida o jovem a passar a noite na casa de sua família. Logo a Sra. Tuohy e toda sua família (cujos filhos estudam na mesma escola de Mike) passam a se afeiçoar ao menino e, eventualmente, adotam-no. É nesse momento, pelo olhar humano da forte Sra. Tuohy, que Big Mike passa a ser notoriamente humano. Liegh Anne Tuohy não viu Mike como um jovem negro, pobre, problemático, com grande potencial para o esporte, mas o viu como ele é: humano. Ela não o acolheu apenas porque o “dever cristão” a compele de fazê-lo ou porque ele, algum dia, “pode vir a calhar”. Michael torna-se totalmente humano no momento que a Sra. Tuohy, no final do filme, sente-se conflitada e pergunta a ele: é para essa universidade que você realmente quer ir? Realmente é o seu sonho ser jogador de futebol? Portanto, é no momento de escolha que Michael passa a fazer parte da “vida qualificada” e ter o autodomínio de sua vida. Segundo Aristóteles, uma ação só pode ser avaliada eticamente se o agente a tiver realizado de maneira intencional e deliberada – nesse instante Michael Oher começa a ser, verdadeiramente, livre e, a partir disso, ele é capaz participar desse “jogo” da ética. É válido lembrar que, por toda sua vida, Michael era arrastado e puxado de um lado para o outro pelas autoridades – seja o governo, a polícia ou, até mesmo, o diretor e os professores da escola -; a Sra. Tuohy foi a primeira a lhe dar o direito de escolha e não obriga-lo e força-lo a ser o que ele não gostaria de ser, ou seja, Liegh Anne enxerga Michael como uma pessoa e não como uma máquina a qual obedece aos comandos do maquinista, irrefletidamente.

É muito interessante no final quando dizem que Liegh Anne Tuohy tinha mudado a vida de Mike, mas ela responde “ele é que mudou a minha”, pois ele despertou nela o senso de humanidade, ele a forçou inconscientemente, pela convivência, a sair da “normose” da vidinha tradicional da mulher rica branca do Tennessee, desprendendo-se de preconceitos e das frivolidades da vida, mostrando como a vida pode ser mais e como ela tem potencial para muda-la. Desse modo, ambos tornaram-se livres; saíram do paradigma inicial do “o que eu aparento ser” para

“o que eu posso ser” – saíram do paradigma inicial do “o que eu aparento ser” para “o que eu posso ser”.

Sendo assim, nota-se que a temática central do filme é o reconhecimento, não só da diversidade de cada um, mas do que todos têm em comum, apesar das diferenças: a humanidade. O filme não trata da mera tolerância com o próximo, contudo, relata o acolhimento e a aceitação do outro sem segundas intenções, independente de sua cor ou sua posição social. Por isso é necessário realizar esse trabalho, de início, de destacar a questão da “invenção” do sujeito, uma vez que, ao afirmar que ele é inventado – ou seja, não é um conceito eterno e imutável -, é possível despertar para o fato de que nem sempre ao olhar para o próximo se enxerga uma pessoa humana, seu semelhante, alguém que sofre e que busca pela sua felicidade, que comete erros e acertos. É preciso reforçar a reflexão acerca da dignidade da pessoa humana nas discussões ética, uma vez que é só a partir do momento de passagem da “vida biológica” a “vida qualificada”, nos termos de Agamben, que se pode considerar alguém verdadeiramente “pessoa humana”, a qual goza de liberdade, senso crítico, vontades, sentimentos, anseios, desejos, dons, cultura, direitos e deveres. Enquanto não se perceber que, apesar de diferentes, somos, acima de tudo, humanos, não há como se pensar, de modo algum, em tolerância, igualdade, ética e nem mesmo em sociedade – há apenas o caos pelo conflito, a opressão e a submissão e não uma comunhão, como deveria ser.